

CORNUALHA

CONHECENDO A PONTINHA DA INGLATERRA

Pensando bem, Cornualha é uma palavra feia pra caramba. Vem do corno *Kernow* (nem sabia que existia essa língua) que, em latim, significa *Cornubia* ou *Cornuvia*.

Este é o nome da região que corresponde ao sudoeste da ilha da Grã-Bretanha que tem relações históricas com a região homônima que se localiza na França. Esse condado tem paisagens muito bonitas, mas uma bandeira bem tétrica, para o meu gosto. Além disso, um dos símbolos da região é um diabrete. Estranho, não é?

Os cónicos, que foram habitantes há muito tempo desse condado, eram celtas, assim como os primeiros moradores da Bretanha na França por isso o bretão, falado nesta região, no continente, tem enorme similitude com o corno, falado na Cornualha. Embora seja reconhecida como a língua histórica desse povo, hoje, apenas 2000 pessoas falam este idioma.

A mim pareceu incrível e não sei se você leitor vai acreditar, mas com tão pouca gente guardando o legado de sua língua, que é sempre a alma e a expressão de um povo, existe um movimento autonomista da região em relação à Inglaterra. Imagino que seja minoritário, mas existe. Andando por essas bandas, deparei-me com uma bandeira hasteada na frente de uma casa, que demonstra mais sensatez e parece buscar um acordo – é a bandeira da Cornualha, contendo num dos quadrantes, a do Reino Unido.



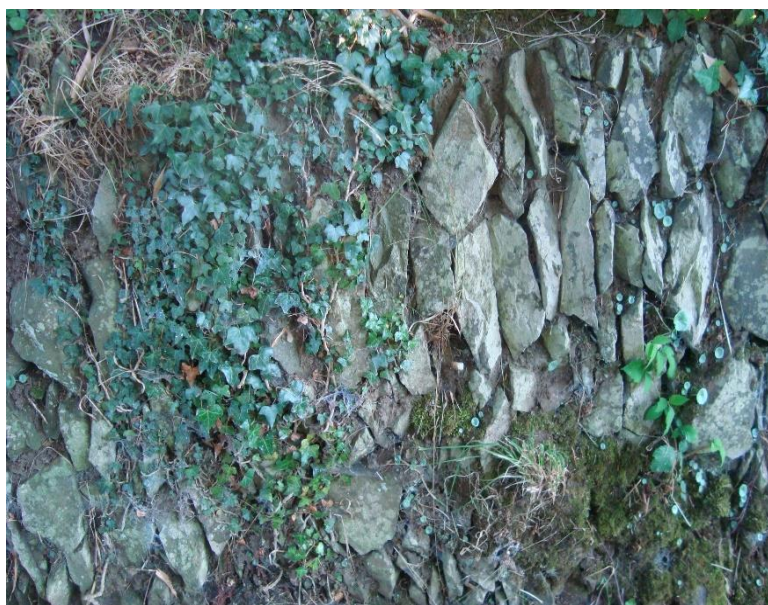
Fonte;
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cornualha>



Fonte:
<https://www.ordemdafenixbrasileira.com/2017/02/conteudo-ofb-diabretes-da-cornualha.html>

A riqueza da Cornualha sempre veio da atividade mineira, mas hoje é o turismo o carro chefe da sua economia.

Afora dois ou três eixos rodoviários mais importantes, todas as vias que cortam esse território são muito estreitas. Ficamos nos perguntando por que? Observando os limites entre propriedades e entre elas e os caminhos, bem demarcados por muros de pedra erguidos há muito tempo, suponho que eles podem ser as barreiras históricas ao alargamento das vias. Ampliar as estradas significaria não apenas desapropriações, mas também derrubar essas delimitações de pedras centenárias, que são um patrimônio que conta um pouco da ocupação do território. É uma hipótese – deve haver pesquisa tratando do tema, mas não conheço.



Encontrei esse mapa antigo da Cornualha e, por meio dele, podemos observar elementos de sua história e ver que algumas das estradas e lugarejos por onde passamos estão lá há muito tempo.

Também fiquei sabendo que o primeiro Conde de Cornualha foi Ricardo I, que viveu entre 1209 e 1272. Vejam aí do lado a moeda que circulava durante esse período.

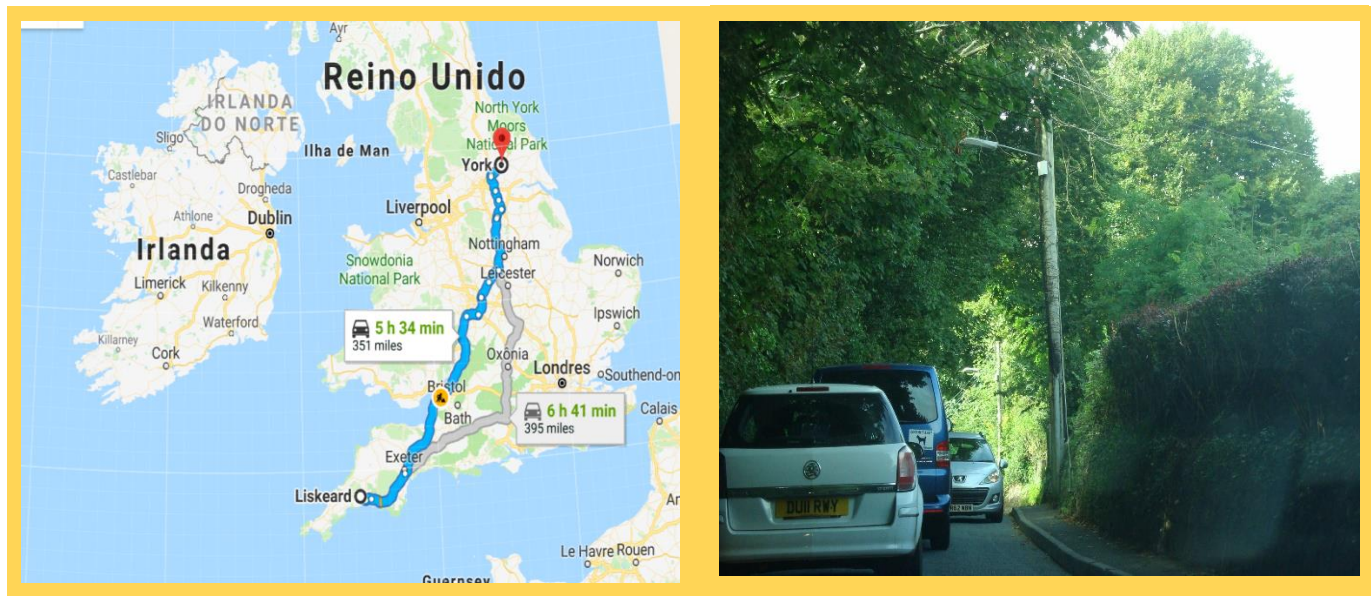


Fonte:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo,_1.%C2%BA_Conde_da_Cornualha



Fonte:
<https://boullan.files.wordpress.com/2011/10/1.jpg?w=665>

Gostamos de experimentar coisas diferentes. Na França, *chambre d'hôte* e *gîte rural*; na África do Sul e em Portugal, estivemos em *guest houses*; na Espanha e em Portugal, já ficamos em hospedagem rurais. Bem, por aqui, resolvemos conhecer, via AirBnB, uma cottage. A reserva foi feita e, depois do relativamente longo percurso entre York e o Liskeard, lá estávamos nós circulando por rodovias estreitas, à procura da propriedade rural chamada Olde Pensipple.



Roda daqui, roda dali, anda mais um pouco e para, pergunta e desanima de perguntar e, finalmente, chegamos a Pensipple. Que alívio!



Entramos com o carro pela lateral do imóvel, meu marido bateu na porta da grande casa. Demora um pouco e sai uma senhora elegante que nos olha friamente e informa: "Aqui é Pensipple. Vocês devem estar procurando Olde Pensipple (pronunciando com ênfase cada sílaba do Olde) que fica ali adiante". O tom da voz dela combinava com

o carro Mercedes Benz estacionado na frente da casa e denotava intenção de nos deixar bem claro que Olde Pensipple está longe de chegar aos pés de Pensipple.

No primeiro momento, imaginei que teríamos que andar ainda muito, mas bastou dar marcha a ré no carro e entrar 20 metros depois num pequeno caminho de terra para chegar no imóvel que estava topograficamente abaixo de Pensipple e deduzo que, no passado, compunha cavalaria e construções de apoio à casa maior. Era bem simpática a casa 4 destinada a nós. As paredes de pedra, sabe-se lá erguidas há quantas décadas, nos espreitavam à noite. Durante o dia, os campos cultivados agradavam nossas retinas.



Fizemos dois percursos para conhecer um pouco a Cornulha. Era muita coisa para ser vista, se ficássemos observando os detalhes propostos nos roteiros 1 e 2 do Guia de Estradas da Visual Folha. Tivemos que fazer escolhas.



Primeiramente fomos para oeste em direção à extremidade da Cornualha. A chegada a Saint Mawes foi difícil, devido ao trânsito intenso demais para as estradas estreitas. Embora aqui na Inglaterra já tenham terminado as férias escolares de verão, parece que o país inteiro ainda está viajando. Como a população é, na média, muito idosa, suponho que o período de férias seja influenciado pelo ano letivo, mas não tanto como em outros países com estrutura demográfica mais jovem.

O ponto alto de St Mawes é o forte de Henrique VIII, no porto natural Carrick Roads.

Você leitor assistiu a série da Netflix sobre Henrique VIII? Se não assistiu, recomendo, para saber de suas seis mulheres (entre elas a famosa Ana Bolena) e de sua luta para ter um herdeiro. Ele reinou entre 1507 e 1549.

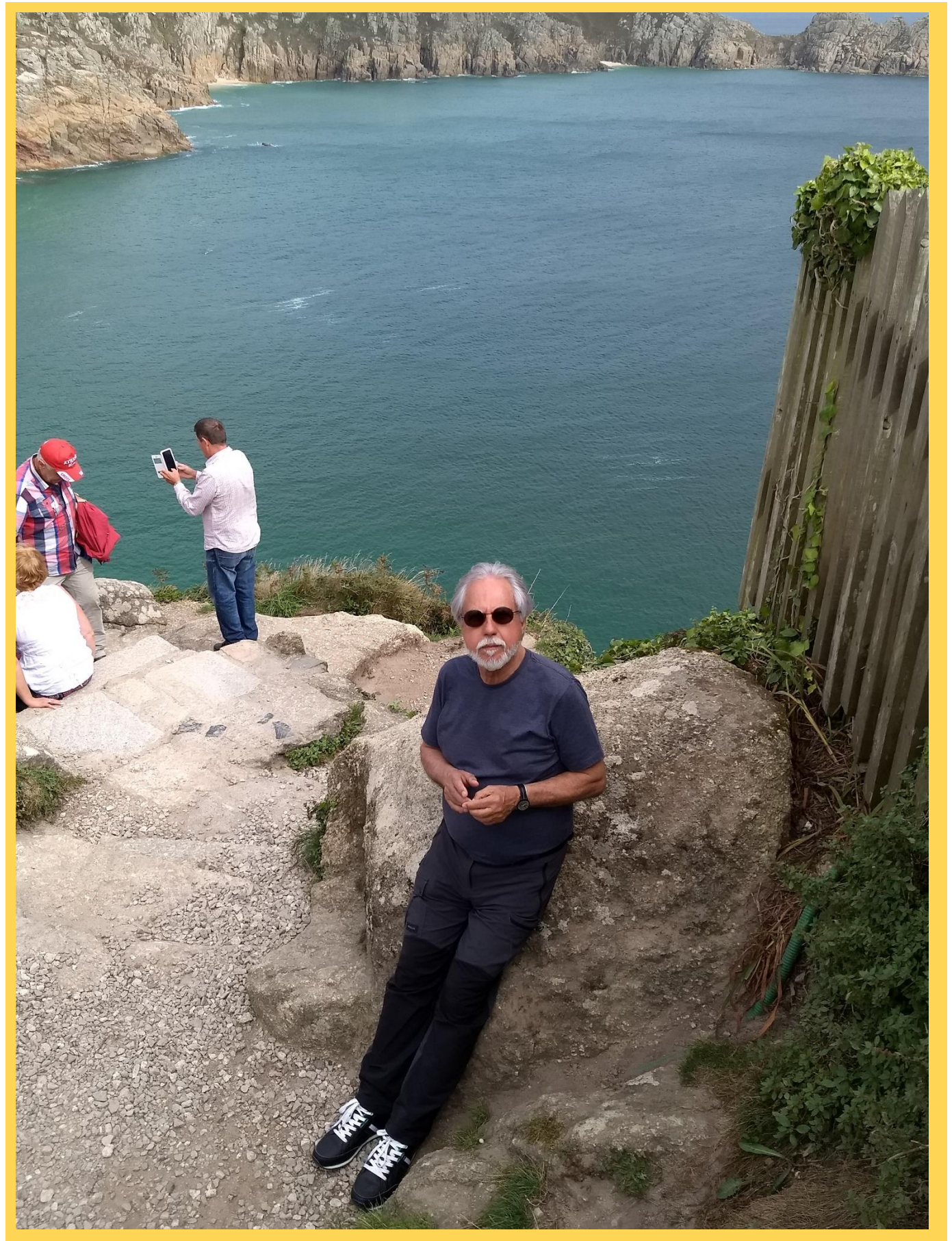
Olhando agora até me pareceu que seu forte para defesa do sul da Inglaterra não era lá grande coisa e tenho dúvidas se esses quatro canhões eram suficientes para eliminar os inimigos.

Depois do conhecer o forte, fomos até a pequena cidade que foi, no passado, uma vila de pescadores. O ambiente era extremamente simpático: a sisudez das construções centenárias em pedra com telhas de ardósia, era quebrada pelas janelas e portas brancas ou azul claro. Pelas ruas, pouca gente passeava. Em alguns bancos de frente

ao mar, casais de idade avançada tomavam sol – passavam mais a impressão de moradores do que de turistas.



A parada seguinte foi em Porthchurno, na porção mais ocidental da Inglaterra. É um lugar que fica em cima de um penhasco, de onde se pode ver paisagens litorâneas lindíssimas. Não foi fácil chegar a este pedacinho da ilha, passar por ruas estreitíssimas, conseguir estacionar em meio a outras dezenas de turistas que queriam fazer o mesmo, procurar a máquina onde se paga o *ticket* para o estacionamento (e não a encontrar), perguntar aqui e ali, para chegar a um caminho estreito, meio ruela, meio escada e, somente então, ver o mar. É bonito, não tem dúvida, mas não foi fácil dar essa espiada na linda baía cercada de penhascos.



A escolha da parada seguinte foi orientada por um único critério – precisávamos encontrar onde comer, o que não tinha em Porthcurno. Consultamos o guia Visual Folha e havia uma indicação para Mousehole, a de um pequeno bistrô francês na Fore Street.

A fome era tanta que, ao invés de seguir em direção à oeste e, depois norte, voltamos para trás e lá chegamos no endereço indicado, um pouco depois das 15h. Num primeiro momento, a jovem garçonete informou que o serviço de almoço estava terminado, pois já era a hora do chá. Sabíamos que era o único restaurante naquele lugarejo: nossa insistência e cara de fome comoveu a moça e lá nos sentamos, com vistas para o mar à espera dos pratos que estavam bastante bons (isso na Inglaterra não é pouca coisa). Fazia tempo que eu não comia *moules*.



O melhor do bistrô? Foi ver que uma porção de senhoras bem vestidas, na média com 75-80 anos, maquiadas e animadas, que chegavam em duplas, trios ou quartetos, pediam o chá, que todas temperavam com leite, comiam uma enorme fatia de torta doce, conversam não mais do que por 20 minutos e se iam.

Essa visita das senhoras ao bistrô parecia ser rotineira pelo modo familiar como a garçonete as tratava, no entanto, era tão rápida que me pergunto o que tinham a fazer depois desse programa? Talvez olhar os barcos ancorados na pequena baía, lembrar de suas próprias vidas e imaginar que mundos há do outro lado do horizonte.



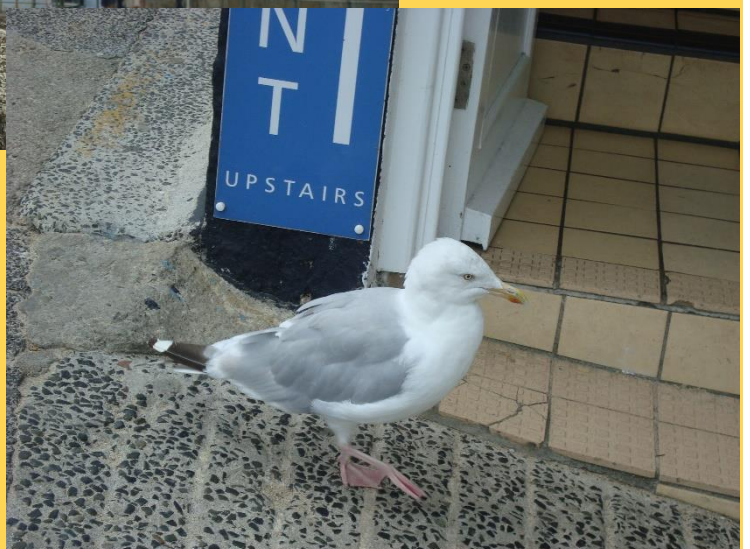
St Ives foi nossa última parada nesse dia. Essa cidade viveu da pesca durante alguns séculos, mas em 1877, quando a ferrovia chegou até lá, trouxe consigo turistas e artistas atraídos pelo sol e pela luz. Hoje, a cidade é cheia de pequenas galerias de arte e tem um comércio animado, com lojas de roupas, móveis e objetos de decoração. Os

pequenos ateliers dos artistas são de pinturas ou trabalhos em vidro. Alguns muito bonitos, outros nem tanto.



À beira mar, misturam-se edificações comerciais, pequenos hotéis e restaurantes. Subindo as encostas da colina que está ao lado do porto, há séries e séries de casinhas iguais que me pareceram ser segunda moradia ou estavam tendo uso destinado a turistas, nesse período do ano, porque de lá desciam famílias (sempre acompanhadas de cachorros) para uma cerveja ou café de frente para o mar. As gaivotas, por todo lado, espiavam o movimento geral ou optavam por passear pelas calçadas, à moda dos humanos, esses estranhos.





Carminha Beltrão
Setembro de 2018